

CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA
- DIRECTOR'S CUT
23 de Maio e 1 de Junho de 2024

R21 Aka RESTORING SOLIDARITY / 2022

Um filme de Mohanad Yaqubi

Realização: Mohanad Yaqubi / Argumento: Mohanad Yaqubi, Lisa Spillieart, Rami El Nihawi / Direção de Fotografia: Casey Asprooth-Jackson / Som: Raf Enckels / Montagem: Rami El Nihawi / Narração: Lisa Spillieart.

Produtores: Sami Said e Vincent Stroep / Cópia digital, colorida, legendado em inglês e electronicamente em português / Duração: 69 minutos / Inédito comercialmente.

Há uma extensa “filmografia da Palestina” feita por estrangeiros, cujos inícios, no princípio dos anos 70, coincidiu com o acréscimo de visibilidade internacional da questão palestina, através das acções espectaculares da OLP, das respostas israelitas, e um longo e nunca concluído etc. Há pouco tempo vimos nestas salas **Promised Lands**, de Susan Sontag, feito durante esses anos, e dessa época há também, claro, é mesmo um clássico desta “filmografia estrangeira da Palestina”, o **Ici et Ailleurs** de Jean-Luc Godard e Anne-Marie Miéville. Entre os estrangeiros atraídos, nessa altura, pela Palestina, contaram-se muito especialmente os japoneses, sobretudo cineastas e intelectuais que militavam em grupos de extrema-esquerda, como Masao Adachi ou Koji Wakamatsu (de quem vamos ver, em Junho, **United Red Army**).

O interesse japonês pela Palestina vem especialmente ao caso a propósito de **R21**, porque ele está na sua origem. Uma intelectual japonesa, Aoe Tanami, guardava há décadas cerca de duas dezenas (“r21”, abreviatura de “reels 21”, 21 bobinas) de cópias em 16mm de filmes feitos entre os anos 60 e os anos 80, quase todos em clandestinidade ou semi-clandestinidade, por cineastas de várias origens (e não apenas japoneses), em vários países do mundo árabe (e não apenas na Palestina). Tanami guardava os filmes com a intenção de um dia os oferecer a um realizador palestino, e isso veio a acontecer com Mohanad Yaqubi (n. 1981). Yaqubi catalogou os filmes, digitalizou-os, e começou por apresenta-los num formato de instalação. Depois, quis conceber um filme que funcionasse como uma espécie de arquivo para essas bobinas todas – e daí resultou **R21 aka Restoring Solidarity**, que monta os filmes doados por Tanami (ou pelo menos parte deles) num só objecto.

A possibilidade de os ver, de encontrar documentos raros e preciosos sobre muitos aspectos da vida palestina e do Médio Oriente nas últimas décadas, dos menos violentos aos mais violentos (o segmento com imagens do massacre nos campos de refugiados de Sabra e Chatila, no Líbano, é especialmente interessante), faz o essencial de **R21**, um essencial que de facto “restaura” qualquer coisa, se não a “solidariedade”, pelo menos outra coisa bastante importante, a memória, e a garantia da sua preservação. Face a todo o contexto – que é também o contexto em que estamos presentemente, e em que vamos

ver o filme – é mais ou menos inevitável que **R21** seja tudo menos um objecto analítico, frio, ou mesmo um objecto absolutamente confiante no poder das suas imagens. Perdoa-se mais o primeiro caso, o facto de **R21** procurar agir a nível emocional e ser, nesse sentido, mais uma obra propagandística do que um trabalho de análise história – mas tudo isto é, mais do que apenas perdoável, perfeitamente compreensível. Perdoa-se menos a segunda questão, que se revela pela maneira como o filme raramente nos deixa a sós com as imagens que compila, e precisa de as afogar numa narração “off” que insistentemente, mais do que só “explicar”, conduz o pensamento e a emoção do espectador, deixa-lhe muita pouca margem para uma relação directa com todas aquelas imagens. Mas, enfim, é preciso aceitar isso. Até porque, naquele momento perto do fim em que a narração explica a proximidade dos japoneses com a Palestina através da bomba atómica (como se fossem histórias comparáveis, como se Hiroshima e Nagasaki tivessem saído do nada e não houvesse também aí uma longa história), fica perfeitamente evidente que **R21** está mais próximo do “slogan” do que de uma vontade de rigor histórico.

Luís Miguel Oliveira